

O "não" que vira ódio

A misoginia é um conceito que ganhou força na última década, no Brasil, especialmente por causa da escalada da violência contra mulheres. Segundo a doutora em sociologia Ana Paula Antunes Martins, dirigente do Núcleo de Estudos sobre Mulheres (NEPeM/UnB), esse fenômeno tem apresentado uma significativa persistência mesmo diante de um conjunto de medidas do Estado e da sociedade, o que revela a força de uma cultura patriarcal de subordinação e inferiorização das mulheres.

Mais do que isso, com o avanço da tecnologia e a iminência das redes sociais, tais discursos avançam sem precedentes, ganhando força em comunidades que se destinam a destilar ódio gratuito. "A insuficiente regulamentação da internet, especialmente das redes sociais, tem feito dela um nicho de atuação de grupos extremistas de cunho autoritário e antidemocrático. A democracia é um sistema que garante que desigualdades possam ser corrigidas pelos direitos fundamentais e pelas ações afirmativas", detalha Ana Paula.

Por essa razão, a articulação antidemocrática dessas comunidades, que atenta contra grupos vulnerabilizados, visa destituir as lutas por equidade. "São uma espécie de revanche orquestrada contra políticas públicas de enfrentamento a toda sorte de violências", acrescenta. O ódio contra as mulheres se amplia justamente nesse momento, em articulação com o racismo, a transfobia, a xenofobia e o capacitismo, para promover uma segregação severa que mantenha um estado de coisas em que grupos muito restritos dominam toda a estrutura de distribuição de poder e de usufruto dos recursos e bens sociais.

Na tentativa de desatar esses laços de ódio, é imprescindível compreender que a educação



A misoginia é um conceito que ganhou força na última década, no Brasil, especialmente em virtude da escalada da violência contra mulheres

Freepik

para os direitos humanos, que envolve saberes sobre a autonomia, a liberdade e o respeito ao corpo do outro são elementos constitutivos de uma agenda, largamente difundida por organismos internacionais, como a Unesco, para favorecer uma cultura em que mulheres sejam respeitadas como sujeitos de direitos, em todas as suas interseccionalidades.

"O aprendizado sobre os relacionamentos, em que o amor não está ligado ao poder, de modo que um 'não' jamais seja interpretado como um ataque à honra de um homem, é um eixo central para evitar que meninos se engajem nas redes de ódio pulverizadas na internet, o que tem se tornado um negócio lucrativo para grupos antidemocráticos", conclui a especialista.

● lamaçal dos red pills

Caso goste de passar boa parte do tempo rolando a tela em outras redes sociais de vídeos curtos, é comum que o algoritmo recomende aquilo que está mais em alta. De uns tempos para cá, tanto no X (antigo Twitter) quanto no TikTok, certos conceitos da "manosfera" passaram a ser repassados como se fossem verdades absolutas. Populares, também, entre os mais jovens, o termo red pill vem do filme *Matrix*, no qual o personagem que opta por tomar a pílula vermelha consegue enxergar o mundo da maneira correta.

A ideia, no entanto, é comumente utilizada nas redes sociais para propagar e legitimar o ódio contra mulheres, como explica o psicólogo Paulo Henrique. Historicamente, segundo ele, a moralidade atribuiu sentido à forma como